

OBSERVAÇÕES SOBRE A CRÍTICA GENÉTICA E O CINEMA: O CASO DE STAR WARS

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)
natanielgomes@hotmail.com

1. Introdução

Nos últimos anos surgiram questionamentos sobre a sobrevivência da crítica genética diante das novas tecnologias. Será que ela está condenada a ser uma ciência do passado, que será lembrada apenas nos livros de curiosidade? Ela está limitada apenas ao papel, ao manuscrito e ao papiro? Como tem caminhos alternativos? Como ela fica diante do computador e das novas mídias?

2. Crítica genética: sua origem e seus objetivos

A crítica genética tem origem na França, em 1968, a partir da formação de uma equipe de pesquisadores que tinha o objetivo de organizar os manuscritos de Heinrich Heine que haviam sido adquiridos pela Bibliothèque Nationale de Paris. (SALLES, 2008, p. 11) A equipe acabou tornando-se um polo para outros interessados no assunto a partir de seminários internos e grupos de trabalho até que conseguiram construir uma metodologia e elaborar um *corpus* de princípio e de conceitos comuns (LOBO, 2004). Nesse sentido, os manuscritos – leia-se rascunhos – passaram a ser patrimônio cultural e objeto de análise científica.

Ela chega ao Brasil em 1985 por meio do Prof. Philippe Willemart, organizador do I Colóquio de Crítica Textual: o Manuscrito Moderno e as Edições, realizado na Universidade de São Paulo (USP). O evento rendeu bons frutos, entre eles: a fundação da Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário e criação da revista *Manuscrita*.

Para muitas pessoas, o que torna a crítica genética tão interessante é a possibilidade de identificar o que o autor não terminou de escrever em sua obra. A análise do prototexto poderá levar a outras intenções deixadas pelo autor durante o processo de escrita.

Por isso, Tavares diz: “(...) as rasuras merecem ser examinadas e interpretadas segundo uma perspectiva de concretização em suspenso, que revela razões recônditas do espírito do escritor e que não passaram

ao texto preparado para a publicação”. (TAVARES, 1995, p. 14-18)

Ou seja, para o pesquisador que deseja entender esses processos de evolução do texto até a versão final, as variações de um texto demonstram o caminho percorrido pelo autor para chegar ao que ele considera como ideal. (SILVA, 2008, p. 148)

O efeito que a obra causa em seu receptor tem o poder de apagar ou, ao menos, não deixar todo esse processo aparente, podendo levar ao mito da obra que já nasce pronta, ou seja, de que a obra não tem memória. Ao nos propormos a acompanhar seus processos de construção, narrar suas histórias e melhor compreender esses percursos, independentemente da abordagem teórica escolhida, estamos tirando a criação artística do ambiente do inexplicável, no qual está, muitas vezes, inserida. Ao mergulhar no universo do processo criador, as camadas superpostas de uma mente em criação vão sendo lentamente reveladas e surpreendentemente compreendidas. (SALLES, 2008, p. 25-26)

Então, o estudo genético não passa pelo manuscrito em si, mas pelo processo de criação revelado através dele, por meio das rasuras, das pistas deixadas pelo escritor durante o processo de construção do texto. (SILVA, 2008, p. 149)

Segundo Lobo (2004), podemos afirmar que o objeto de estudo da crítica genética são os rascunhos agrupados para formar a pré-história do texto, tornando visível o processo de criação do autor que permite, inclusive, conjecturar sobre atividades mentais subjacentes, a partir de percepção de prática do ato de escrever, rasurar, acrescentar, suprimir, substituir ou trocar, ou seja, todo o trabalho de progressão dentro do texto.

3. Crítica genética e novas tecnologias

Parece que para muitos a crítica genética está condenada a morrer com o fim do livro de papel. De acordo com dados da *The Bookseller*, de 03-01-2012, houve mais de 100 mil *downloads* de *e-books* da editora inglesa HarperCollins no dia de Natal de 2011, segundo a própria empresa.

Além disso, o aumento contínuo do preço do papel e a questão da sustentabilidade fazem do livro impresso um artigo cada vez mais raro. É provável que ele se torne um produto de nicho cada vez mais caro e limitado a um público seletivo e com relativo poder de compra.

Até mesmo diversas revistas, acadêmicas ou não, atualmente são publicadas apenas em formato digital. Se há algum tempo o texto virtual era sinônimo de qualidade duvidosa, já não se pode afirmar o mesmo ho-

je. Em alguns casos, o leitor pode encontrar uma matéria em uma revista ou jornal impresso que remete ao conteúdo completo ou com extras na Internet, outros jornais tradicionais fizeram a opção apenas pelo formato digital abandonando a versão tradicional impressa, como o *Jornal do Brasil*, ou existem apenas no formato virtual.

Como fazer crítica genética sem o papel? A resposta é relativamente simples. Durante o processo de escrita no computador, o autor pode criar versões diferentes dos seus textos, salvando simplesmente por data. Se esse material puder ser reunido, a crítica genética será feita da mesma forma que se fazia com o manuscrito de papel. Se o autor usar um sistema de *backup* que salve seus arquivos com uma periodicidade maior e por datas, como *Time Machine*, da Apple, as diferenças entre as versões ficaram ainda mais claras.

Programas de edição textos, como o Word for Windows, podem fazer a comparação entre as versões escolhidas como se fossem verdadeiros filólogos digitais.

Se tomarmos as “ferramentas” de um editor de texto, veremos termos como colar, recortar, copiar, substituir, corrigir, iguais àqueles que adotamos para transcrição dos manuscritos que estudamos, visando indicar onde e como se dão as transformações operadas pelo autor durante seu processo de criação. O que temos, na verdade, é a transposição (por vezes, mal feita) para o meio digital das operações encontradas no manuscrito de papel. Mais do que isso, são os processos mentais do escritor que ganham a dimensão digital e são minuciosamente cronometrados, desde que o escritor salve seu trabalho no modo “Versões” da caixa “Arquivo”. (SILVA, 2008, p. 150-151)

Embora alguns escritores ainda tenham o hábito de imprimir o texto para fazer suas correções no papel, esse hábito deve diminuir cada vez mais. Se o autor guardar a sua versão anotada, o que é relativamente comum, será mais um item a ser analisado no processo da evolução do texto.

4. Novos caminhos para crítica genética: videocassete, DVD, blu-ray⁹³ e cinema

Com o surgimento do videocassete nos anos de 1980, muita gente

⁹³ Blu-ray Disc, também conhecido como BD (de *Blu-ray Disc*) é um formato de disco óptico da nova geração com 12 cm de diâmetro (igual ao CD e ao DVD) para vídeo e áudio de alta definição e armazenamento de dados de alta densidade. (Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Disco_blu-ray)

anunciou o fim do cinema, o que não aconteceu. Na verdade, o cinema foi parar na sala do espectador, embora o prazer e o impacto de se assistir em uma tela enorme com um som de qualidade permaneceu para muitas pessoas, principalmente para aqueles que possuem maiores recursos financeiros. Claro que o mercado cinematográfico precisou mudar radicalmente. Note que até mesmo as salas de exibição se tornaram menores, onde havia duas salas, hoje são 6 ou até 10!

Outra revolução que vai nos interessar aqui surge a partir de 1995 com a criação do DVD (*Digital Versatile Disc*). O DVD contém dados no formato digital, com uma capacidade de armazenamento maior e melhor do que o CD, graças a uma tecnologia óptica superior, além de padrões melhorados de compressão de dados, que tornam a qualidade da imagem e do som bem melhor do que no videocassete.

Outra vantagem de tal tecnologia foi a geometria que permitia pular das faixas e ir direto para os menus, que muitas vezes apresentavam material inédito, como entrevistas, testes de elenco, seleção de legendas, cenas cortadas, abertura ou final alternativo e outros, graças ao espaço maior para armazenar informações.

Já que a crítica genética se preocupa com a evolução do texto e seus processos de construção, já podemos pensar na sua aplicação no cinema quando olhamos para os roteiros, que são a gênese da criação cinematográfica. O problema é que o roteiro muitas vezes é aberto a imprevistos, com as contribuições dos atores e até mesmo com a possibilidade de que cenas e diálogos sejam reescritos na hora da gravação.

Encontros e desencontros, de 2004, dirigido por Sofia Coppola, tinha cerca de 60 páginas de roteiro e gerou um filme de mais de 1 hora e 40 minutos. Normalmente se calcula 1 minuto por página de roteiro.

Outro caso interessantíssimo que vai desafiar a crítica genética é o filme *Asas do desejo*, de 1987, dirigido pelo alemão Wim Wenders, que nem possuía roteiro quando começou a filmar. Durante o Festival Internacional de Cinema de Varsóvia, em 2005, ele disse:

Tinha feito muitas fotografias de lugares, colecionado ideias, subtramas, histórias dos personagens, mas nunca houve um roteiro. O filme era mais como um poema, e assim o fizemos. Nunca sabia o que íamos rodar no dia seguinte.

Com acesso ao material que foi filmado até a versão que chegou aos cinemas podemos fazer uma reconstrução desses filmes. Hoje com o

DVD ou mesmo o *blu-ray*, que possui ainda mais espaço e qualidade de imagem e som, muitas cenas inéditas são disponibilizadas mostrando qual era a ideia original e o que o público viu. Seja por causa da imposição do produtor ou mesmo da distribuidora, o conceito, muitas vezes, muda durante ou depois de filmado. Às vezes, a mudança ocorre depois de uma exibição teste para um público pequeno. Há casos, inclusive, de filmes que apresentam versões norte-americanas mais curtas e outras europeias maiores, como *Dança dos Vampiros* (1967), de Roman Polanski, e outros com finais alternativos para o mercado americano e outra para o inglês, como *Uma noite alucinante 3* (1993), de Sam Raimi.

Salles (2008) repensa o papel da crítica genética, sem entrar na questão do roteiro e mesmo filme ou de suas versões para o uso caseiro. Vejamos o que ela diz:

Em 1992 (...), esses novos rumos já estavam sendo pressentidos. Eu dizia que, naquele momento, tinha discutido os estudos em crítica genética limitados ao manuscrito literário. Foi assim que nasceram e assim estão sendo desenvolvidas as pesquisas até o momento. No entanto, sabemos ser inevitável a necessidade de ampliar seus limites. Certamente, ouviremos falar, em muito pouco tempo, sobre estudos de manuscritos em artes plásticas, música, teatro, arquitetura... até manuscritos científicos. Isso oferece novas perspectivas para pesquisas sobre as especificidades e as generalidades dos processos criativos artísticos e para não mencionar a possibilidade de se adentrar o interessante campo de pesquisa dedicado à relação ciência/arte — agora sob a ótica genética. Pierre-Marc de Biasi (1993), de modo semelhante, previa esses novos direcionamentos da Crítica Genética, em seu artigo *L'Horizon Génétique*. A crítica genética assume, desse modo, aquilo que Daniel Ferrer (2000) chamou de "vocação transartística". Ele afirma que o desenvolvimento dos estudos genéticos sustenta-se nos esforços de alguns pesquisadores de "promover uma reflexão da crítica genética que atravessasse as fronteiras dos gêneros e das artes" e vê que esse é o caminho para os estudos genéticos sobreviverem no século XXI (...) crítica genética (...) continua em pleno estado de metabolismo e desenvolvimento. (SALLES, 2008, p. 15-16)

5. O caso de *Star Wars*

A cultura "pop" pode ser dividida entre antes e depois do fenômeno cinematográfico, *Star Wars*. Os primeiros filmes foram lançados em 1977, 1980 e 1983.

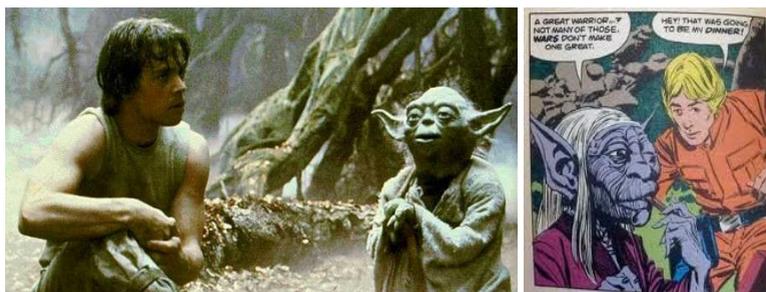
Segundo o site Box Office Mojo⁹⁴, os três primeiros filmes da sa-

⁹⁴ <http://www.boxofficemojo.com>. Acesso em setembro de 2012.

ga faturaram US\$ 1.734.000.000,00, US\$ 1.030.000.000,00 e US\$ 915.400.000,00, respectivamente, em valores atualizados.

O diretor e criador da saga investiu no marketing ao ponto de tornar a série um verdadeiro fenômeno. Dois anos antes de ir parar nos cinemas, ele escolheu o publicitário Charles Lippincott para cuidar do licenciamento dos produtos derivados, inclusive, quadrinhos e livros, ambos baseados em roteiros ainda inacabados. Isso já interessa para a Crítica Genética, principalmente por mostrar visões iniciais do roteiro.

O mesmo se repetiu no segundo filme, O Império Contra-Ataca. No mesmo ano do lançamento do filme as livrarias receberam a versão romanceada por Donald F. Glut. Um dos personagens aparece com uma forma muito diferente do que foi apresentado no cinema, mas nas reedições dos quadrinhos, por exemplo, o personagem foi redesenhado para ficar o mais próximo possível da versão das telonas, conforme imagens abaixo:



Versão apresentada nos cinemas
ao lado da versão apresentada para os quadrinhos a partir de um roteiro antigo

O outro ponto importante no processo de construção do roteiro é que conforme os dois primeiros filmes da trilogia foram lançados, o texto original mudou muito e sobrou muito pouco para o último filme, O Retorno de Jedi. O criador da saga afirma que sobrou apenas cerca de 20 páginas do roteiro total para o filme e ele teve que acrescentar mais de 100 páginas. Curiosamente, o primeiro cartaz do filme tinha um título diferente do que chegou ao público depois, era a Vingança de Jedi e depois foi rebatizado para O Retorno de Jedi.

Cada vez que os filmes de cinessérie Star Wars voltam ao público, seja em suportes como o cinema, o VHS, o DVD ou o blu-ray, novas modificações são acrescentadas, sutis ou notórias, irritando os fãs da ver-

são original. Ao ponto de receber críticas de caça-níqueis, buscando apenas oportunidades para arrecadar ainda mais.

Vale lembrar que na comemoração do lançamento de 20 anos do primeiro filme foram acrescentadas cenas novas nos três primeiros filmes e eles foram relançados no cinema. No lançamento em DVD mais alterações inseridas e em blu-ray, novas mudanças, além de 40 horas de material inédito.

Mesmo sendo alvo de inúmeras críticas, o criador da série George Lucas, chegou a afirmar recentemente que os filmes eram dele e ele fazia o que bem entendia com sua obra. Não parece ser um muito diferente do caso de determinados autores de livros.

Abaixo selecionamos algumas imagens que confrontam modificações entre as versões lançadas.



Na versão acima encontramos o personagem modificado para o lançamento em novo suporte, na versão abaixo ele aparece como foi lançado no cinema originalmente.



Cena que havia sido deixada de fora da edição do filme de 1977, embora apareça na novelização publicada.



A cena que ficou de fora do filme de 1977 foi reinserida no filme quando foi relançado em 1997 e o personagem sofreu mais modificações nos novos lançamentos.



A primeira imagem apresenta o final apresentado nos cinemas em 1983 e a versão lançada em DVD em 2004. Note-se a substituição de um dos autores.



Uma mesma cena com acréscimo de personagens na versão lançada em 2004.

6. Conclusão

Com a popularização do DVD e agora do blu-ray, o público passa a ter acesso a um pouco da gênese de alguns filmes, principalmente os de

maior sucesso. Depois que *Blade Runner – O Caçador de Androides* apresentou a sua “versão do diretor” em 1993 houve uma verdadeira febre de filmes sendo revisitados por seus diretores para lançamento exclusivo no mercado de DVDs e alguns casos no cinema.

Para muitos estúdios isso virou um item essencial para o lançamento em DVDs. Filmes que não apresentam entrevistas com o elenco, cenas cortadas ou estendidas são classificados como “pobres” e pouco interessantes para um público que deseja saber mais sobre a obra.

Outros filmes ganharam cenas novas e modificadas, como *E.T., o extraterrestre*. Uma das modificações mais polêmicas foi a substituição das armas dos policiais por Walk Talks. A justificativa apresentada era que o filme tinha como público-alvo crianças. O criador, Steven Spielberg, acabou se arrependendo de tal modificação, dizendo que tinha destruído o filme da infância de muitas pessoas, mas manteve as outras, mais sutis.

Para quem quer estudar e descobrir os processos de mudanças que os filmes estão passando, com o DVD e o blu-ray as possibilidades estão cada vez maiores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LOBO, Maria Antonia da Costa. *Crítica Genética: uma volta às origens. Cadernos do CNLF*, Vol. VII, n. 3. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-05.html>>. Acesso em: dez. 2011.
- SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética – fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. 3 ed. rev. São Paulo: E-duc, 2008.
- SILVA, Márcia Ivana de Lima e. *Crítica genética na era digital: o processo continua. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 4, n. 2, p. 146-154 - jul./dez. 2008.
- TAVARES, Emmanuel Macedo. *Crítica genética: ciência nova? Revista Philologus*, Ano 1, n. 2, p. 14-18. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/1\(2\)14-18.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/1(2)14-18.html)>. Acesso em: dez. 2011.